Angola e o movimento revolucionário dos Capitães de Abril em Portugal, de Manuel Pedro Pacavira. Uma obra importante de memórias para compreender a queda do fascismo em Portugal e a «descolonização» de Angola

Luísa d'Almeida

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/448>

DOI: 10.4000/mulemba.448

ISSN: 2520-0305

Editora

Edições Pedagogo

Edição impressa

Data de publicação: 1 novembro 2014

Paginação: 555-561

ISSN: 2182-6471

Refêrencia eletrónica

Luísa d'Almeida, «*Angola e o movimento revolucionário dos Capitães de Abril em Portugal*, de Manuel Pedro Pacavira. Uma obra importante de memórias para compreender a queda do fascismo em Portugal e a «descolonização» de Angola», *Mulemba* [Online], 4 (8) | 2014, posto online no dia 27 novembro 2016, consultado o 27 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/448> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/mulemba.448>

Este documento foi criado de forma automática no dia 27 janeiro 2021.

Tous droits réservés

Angola e o movimento revolucionário dos Capitães de Abril em Portugal, de Manuel Pedro Pacavira. Uma obra importante de memórias para compreender a queda do fascismo em Portugal e a «descolonização» de Angola

Luísa d'Almeida

NOTA DO AUTOR

Texto da apresentação pública da obra do escritor e ensaísta angolano Manuel Pedro Pacavira, *Angola e o movimento revolucionário dos Capitães de Abril em Portugal: Memórias, 1974-1976* (Prefácio de Aldemiro Vaz da Conceição e posfácio de Horácio Brás da Silva. Luanda, Mayamba, 2014, 320p. [«Biblioteca da História»]), lido por ocasião das «Actividades alusivas a abertura do II semestre do ano lectivo de 2014», no anfiteatro da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), em Luanda, no dia 20 de Agosto de 2014.

- ¹ Depois da brilhante apresentação desta nova obra do escritor Manuel Pedro Pacavira,¹ feita há poucos dias pelo historiador Cornélio Caley,² que, tal como o autor, foi protagonista e actor desta fase actual da nossa história moderna, que foi a luta pela libertação e independência do país; depois de ter lido o ponto de vista de dois outros nacionalistas, que, como ele, sofreram na pele as agruras da repressão colonial e as

servícias das cadeias da PIDE/DGS,³ é para mim um exercício honroso mas difícil, este, de dizer mais do que já foi tão bem dito.

- 2 No entanto, sendo docente da cadeira de História numa Faculdade de Ciências Sociais e estando perante um público de jovens universitários, a maioria dos quais nascida já depois do dia 11 de Novembro de 1975, ou um pouco antes, por conseguinte, não podendo ter tido o conhecimento vivencial que nós os mais velhos tivemos, tanto da humilhação colonial como do privilégio doloroso que foi a luta de libertação, achei que podia responder ao desafio e também dar um contributo que levasse os estudantes a ter vontade de ler e conhecer através do testemunho e das memórias do combatente, escritor, ensaísta e embaixador Manuel Pedro Pacavira, um período curto é certo mas decisivo da nossa História.

- 3 Para Jacques Le Goff, um dos fundadores da Nova História, que alguns de vocês já conhecem,

«[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar “identidade”, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]

Mas a memória colectiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objecto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória colectiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

[...] Nas sociedades desenvolvidas, os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escaparam à vigilância dos governantes, mesmo que possam controlar esta memória tão estreitamente como os novos utensílios de produção desta memória, nomeadamente a da rádio e da televisão.

Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objectividade científica.

[...] A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória colectiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens» (LE GOFF 2013: 435-437).

- 4 A obra *Angola e o movimento revolucionário dos Capitães de Abril em Portugal: Memórias (1974-1976)*, como o próprio autor diz, em nota prévia, «é mais um depoimento vivo, real e concreto sobre a gesta heróica de parte da nossa história de libertação nacional [...] Este livro é mesmo um livro de memórias» (cf. PACAVIRA 2014: 19).
- 5 Memória e História por vezes confundem-se e se cabe à crítica histórica com os seus instrumentos de análise comparativa fazer a destrinça, o historiador, mas também o sociólogo, o antropólogo, o psicólogo, o crítico literário e até o jurista têm neste livro matéria suficiente e interessante para fazerem trabalho científico, o que não foi o objectivo do autor, apesar da profusão de informação que nos dá dos factos, acontecimentos, figuras, protagonistas de diferentes camadas sociais, situações, estados de espírito, documentos jurídicos..., num tempo curtíssimo (1974-1976), mas em espaços vários e diversos, que percorre em ocasiões cruciais e difíceis não só por Angola, de Cabinda ao Cunene e do mar ao leste, mas também por outros espaços e contextos internacionais, que vão de Cuba à Índia, de África aos Estados Unidos e Portugal. Espaços percorridos pelo autor sempre como mensageiro, levando e trazendo missivas importantes para as várias lutas e as várias frentes.

- 6 Este livro, de Manuel Pedro Pacavira, diz-nos o seu prefaciador Aldemiro Vaz da Conceição «[...] é uma peça preciosa para melhor se compreender o período conturbado entre a queda do fascismo em Portugal e a proclamação da independência de Angola, à meia-noite de 10 de Novembro de 1975 [...] revela igualmente factos desconhecidos que vão ajudar a clarificar algumas etapas do processo de descolonização e, sobretudo, a evolução do MPLA [Movimento Popular de Libertação de Angola], desde o momento em que foi dilacerado pelas chamadas “revoltas”, até à conquista do poder político» (CONCEIÇÃO 2014: 17-18). E acrescenta: «O autor tem o condão de nos fazer reviver ou viver os acontecimentos políticos mais marcantes de uma época carregada de sonhos e utopias, em que não existiam impossíveis, porque todos pensávamos que a vontade e o desejo a tudo se sobrepujam» (Id., ibidem: 18).
- 7 Horácio Brás da Silva, no seu posfácio à obra, considera o autor seu «intrépido companheiro de luta e heróico combatente pela liberdade» (SILVA 2014: 257) e considera esta obra «[...] uma das mais importantes e fiéis descrições históricas do movimento independentista angolano, na óptica dos revolucionários do MPLA na clandestinidade» (Id., ibidem).
- 8 Com efeito, uma das inovações importantes desta obra é o lugar que o autor dá à luta clandestina, forma de luta muitas vezes esquecida, ignorada e pouco glorificada. Aliás, permito-me desde já lançar o repto ao nosso autor, para nos dar a conhecer brevemente noutra obra a história da luta clandestina desde os anos de 1950, a partir das suas memórias e de seus companheiros sobreviventes, pois, embora se enumerem muitos dos grupos e movimentos que se foram formando nesses anos (que são sempre os mesmos...), pouco se sabe sobre eles, suas diferenças, seus componentes, seus líderes, seus objectivos imediatos e estratégias... O mais velho Mendes de Carvalho dizia que o MPLA «é um rio com muitos afluentes...» Que afluentes são esses?
- 9 Também os campos de concentração para onde a clandestinidade acabava por lançar os militantes, tão pouco conhecidos têm no livro de Manuel Pedro Pacavira o seu lugar, sobre o Missombo, onde permaneceu vários anos, mas também São Nicolau, onde são enumerados grande parte dos presos e algumas presas. Embora o Missombo já tenha sido descrito pelo falecido Adriano Sebastião no seu livrinho homónimo, mas só no que se refere à sua estadia. Pacavira não só refere como dá detalhes, fala de pessoas reais, algumas conhecidas e ainda hoje desempenhando papéis importantes no partido e ou no Estado, outras certamente anónimas.
- 10 Outra inovação que para mim, como mulher, muito me agradou é a referência constante que o autor faz às militantes. Geralmente, o género feminino não é muito sublinhado nos livros sobre a luta de libertação, pelo menos não com esta profusão e identificação de cada uma, com as suas características, profissões, actividades políticas tanto na clandestinidade como nas zonas de guerrilha, colocando-as na plêiade dos nacionalistas que lutaram em várias frentes. Este é um aspecto muito interessante em Pacavira (talvez dada à sua veia literária e ensaística...). Um levantamento dessas mulheres, seus percursos, suas motivações, seria um trabalho interessante para os estudantes e as estudantes das várias áreas académicas para os seus trabalhos de investigação de fim do curso. Nunca vi numa só obra um espaço tão grande concedido com toda a justeza às mulheres, pelo que felicito o autor.
- 11 Esta obra está estruturada em três capítulos, estando o quarto baseado em fotografias e oito documentos importantes. Um prefácio e um posfácio, que falam do autor e da luta clandestina por onde todos se moveram, completam a obra. O Capítulo I trata da

«Caracterização da situação política prevalecendo dentro e fora do país» (pp. 21-57); o Capítulo II debruça-se sobre as «Acções, factos e pessoas» (pp. 59-162); o Capítulo III observa a «Transição para a Independência Nacional» (pp. 163-255); o Capítulo IV reproduz «Fotografias e documentos» (pp. 261-319), podendo encontrar-se aqui a transcrição de documentos importantes da época, tais como: Documento n.º 1 – «Discurso do Dr. Agostinho Neto na cerimónia dos Acordos de Alvor» (pp. 263-267); Documento n.º 2 – «Discurso do presidente Costa Gomes» (pp. 269-272); Documento n.º 3 – «Texto integral do Acordo de Alvor» (pp. 273-287); Documento n.º 4 – «Governo de Transição» (pp. 289-290); Documento n.º 5 – «Termo de posse do Governo de Transição» (pp. 291-295); Documento n.º 6 – «Entrevista de Agostinho Neto (Maio de 1975)» (pp. 297-304); Documento n.º 7 – «Atentado contra Lúcio Lara» (pp. 305-307); Documento n.º 8 – «Texto de proclamação da Independência» (pp. 309-319).

- 12 O livro descreve minuciosamente os principais acontecimentos, factos e pessoas, desde o cessar-fogo em Lunyamweje até aos acordos de Alvor, numa narrativa fluente e, por vezes até, literária, onde a oralidade está patente e de que darei alguns exemplos se o tempo o permitir (cf. pp. 128-130).
- 13 Mas é da «descolonização» que esta obra trata, vista do lado de cá e aqui: O Movimento das Forças Armadas (MFA), os últimos governadores gerais, o Comissariado de Rosa Coutinho, os partidos políticos, os ex-presos políticos, os guerrilheiros, a Junta directiva do MPLA e os Comités regionais, a chegada das delegações do MPLA e de Neto, as confrontações armadas, o papel da imprensa e dos jornalistas locais, «os jovens ultra anti-tudo», a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA)..., o apoio cubano, Kifwangondo, os racistas sul-africanos a sul, a proclamação da independência e o 1.º Governo...
- 14 Livro de memórias, de facto, que irão alimentar a ciência histórica, memórias de um período pouco conhecido, o da «descolonização» portuguesa, versus a conquista angolana da independência com as suas contradições e sofrimentos; mas também, memórias da clandestinidade, do autor e de outros companheiros, onde estão sempre subjacentes o tempo colonial e a crítica ao seu sistema, cujas marcas o curto tempo da história ainda não apagou.
- 15 Aconselho, pois, os caros colegas a lerem esta obra; eu recordei e aprendi muito. Assim como aconselho os estudantes, que vão conhecer uma época que não viveram mas que lhes deu a independência e a dignidade. Poderão também encontrar fonte de inspiração para futuros trabalhos e ler um livro bem escrito, o que só lhes fará bem.

BIBLIOGRAFIA

CONCEIÇÃO Aldemiro Vaz da, 2014, «Prefácio», in Manuel Pedro Pacavira, *Angola e o movimento revolucionário dos Capitães de Abril em Portugal: Memórias (1974-1976)*. Luanda, Mayamba, pp. 17-18.

LE GOFF Jacques, 2013, «Memória», in Jacques Le Goff, *História & Memória*. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Susana Ferreira Borges. Campinas, SP, Editora da Unicamp, pp. 387-440.

SILVA Horácio Brás da, 2014, «Posfácio», in Manuel Pedro Pacavira, *Angola e o movimento revolucionário dos Capitães de Abril em Portugal: Memórias (1974-1976)*. Luanda, Mayamba, pp. 257-259.

NOTAS

1. Manuel Pedro Pacavira é actualmente membro do Bureau Político do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e Deputado a Assembleia Nacional. Foi ministro, embaixador de Angola acreditado em Cuba, México, Nicarágua, Guiana e Itália, representante de Angola nas Nações Unidas e junto da FAO, do PAM e da FIDA. Durante a época colonial foi preso político no Missombo (Kwandu-Kuvangu), e no Tarrafal, em Cabo Verde. Aí, na companhia de outros companheiros, tais como António Jacinto do Amaral Martins, António Dias Cardoso e José Vieira Mateus da Graça (Luandino Vieira), e sob o impulso destes, começou a escrever. Escritor e ensaísta, além da presente obra, Manuel Padro Pacavira é também autor das obras seguintes: *Nzinga Mbandi*, *Gentes do mato*, *Boneca*, *Ndalatandu em chamas*, *O 4 de Fevereiro visto pelos próprios* e *JES — Uma vida em prol da pátria*. É membro da União dos Escritores Angolanos (UEA) [Nota do Editor].
2. Cornélio Caley é actualmente Secretário de Estado da Cultura do governo de Angola. Em 1975, integrou o governo de transição tendo desempenhado as funções de Secretário de Estado do Trabalho pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Historiador e sociólogo, é quadro superior da Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (SONANGOL), onde desempenhou múltiplas funções. É membro da União dos Escritores Angolanos (UEA) e Secretário do «Prémio Sonangol de Literatura» (de 2005 ao presente). Publicou as seguintes obras de ensaio: *Os petróleos e a problemática do desenvolvimento em Angola. Uma visão histórico-económica* (1996) e *Contribuição para o pensamento histórico e sociológico angolano: Intervenções e reflexões* (2005), e as obras de ficção seguintes: *A rola de Tchinguandu*, novela (1980), *Kandundu*, romance (2001) e *O julgamento do Homem: Fábula para todas as idades* (2003) [Nota do Editor].
3. Tem sido comum agregar-se estas duas siglas numa só, mas elas correspondem a dois períodos do fascismo em Portugal. Inicialmente, Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), para o período em que imperou o ditador António de Oliveira Salazar, até o ano de 1968; em seguida, já tendo Marcello Caetano como chefe de Estado, a polícia política fascista portuguesa passou a designar-se Direcção Geral de Segurança (DGS) [Nota do Editor].

AUTOR

LUÍSA D'ALMEIDA

luisalmeidaalegre@yahoo.com

Professora Associada do Departamento de História (DH) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN).

É Professora Associada do Departamento de História (DH) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN). Licenciada em História pela Universidade Clássica de Lisboa (1967), é pós-graduada em Estudos superiores de Geografia e Etnologia pela Universidade de Neuchâtel, Suíça (1971); possui o Diplôme

d'Études Approfondis (DEA) em História e Civilizações pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França (1990) e Mestrado em História Social Contemporânea, pelo Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Lisboa, Portugal (2000). Produziu inúmeros trabalhos de investigação, estando alguns publicados em obras colectivas, em actas de eventos e em revistas especializadas, dos quais destacamos os seguintes: «A juventude estudantil africana nos anos 60: assimilados mas não tanto... Uma fuga para a luta», in Havik, Saraiva & Tavim (orgs.), Caminhos cruzados em História e Antropologia. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2010; «Nativo versus Gentio? O que nos dizem algumas fontes africanas nos anos 1914-1922», in Maria Emília Madeira Santos (org.), A África e a instalação do sistema colonial, 1885-1930, actas da III Reunião Internacional de História de África. Lisboa, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 2000; «As imagens em movimento: uma fonte necessária para a investigação e o ensino da história moderna de Angola colonial e pós-colonial», in Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação, actas do II seminário internacional sobre História de Angola. Lisboa, Comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 2000; «Angola — Portugal: que futuro para tal passado?», in Fernando Rosas e Maria Fernanda Rolo (coords.), Portugal na viragem do século/Língua portuguesa: a herança comum. Lisboa, Assírio e Alvim, 1998; «Para a construção histórica da política angolana», in Revista Internacional de Estudos Africanos (Lisboa), n.º 18-22, 1995-1999, pp. 441-446.